

ALBUM

DAS

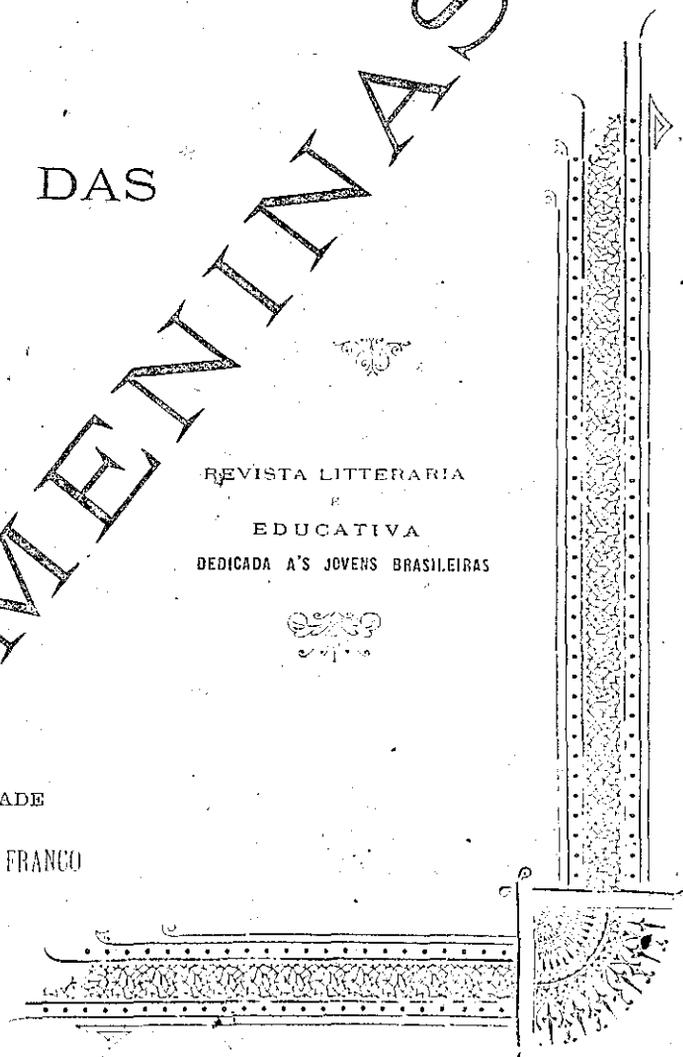
MENINAS

REVISTA LITTERARIA  
E  
EDUCATIVA  
DEDICADA A'S JOVENS BRASILEIRAS

PROPRIEDADE

DE

ANALIA EMILIA FRANCO



# ALBUM DAS MENINAS

REVISTA LITTERARIA E EDUCATIVA DEDICADA ÀS JOVENS BRASILEIRAS

PROPRIEDADE DE ANALIA EMILIA FRANCO

PAGAMENTO  
POR SEMESTRE

PREÇO DA ASSIGNATURA, 5\$000 POR SEMESTRE

NUM. AVULSO  
Rs. 1\$000

## O Ensino Complementar e Profissional DA MULHER

(CONCLUSÃO)

### II

Dous são os grandes fins desta associação do sexo feminino para utilidade de si propria. Primeiro o soccorro mutuo; as socias têm direito a facultativo, medicamentos e subsidio pecuniario nas doenças e na temporaria impossibilidade de trabalhar; a um subsidio pecuniario na impossibilidade de trabalhar por doença chronica, ou na velhice, e quando estiverem presas.

São tambem soccorridas, na doença, as pessoas de sua familia (do sexo feminino) que habitarem com ellas, maiores de cincoenta annos e menores de doze. Quando alargar-se mais, a associação dá tambem para o asylo da mendicidade de Funchal a decima parte do seu rendimento annual.

Ainda é mais sympathico porém o segundo fim, a educação. Não ha felicitações sufficientes neste ponto, para o pensamento que preside ao instituto. Entre os dous principios, o de ministrar o ensino meramente primario, ou o de lhes ministrar o ensino complementar e profissional, preferio este ultimo (o complementar e profissional) e foi uma innovação providentissima que fez.

Reparo causou a alguém o não ter a associação instituído escola elementar do ensino primario.

Infundado foi o reparo. A associação pensou — e pensou muito bem que, havendo no conselho 40 escolas de instrução primaria elementar, e nenhuma complementar, nem profissional, seria preferivel e de maxima importancia fundar uma escola d'esta superior cathegoria. Parabens sejam pela preferencia.

E, ainda assim nobremente ambiciosa de estender os seus beneficios ao ensino elementar, lançou nos estatutos a regra: «de subsidiar no conselho o ensino primario do sexo-feminino em harmonia com as circumstancias do cofre». Temos, pois, fundado pela associação funchalense o grande principio da educação complementar e profissional para as filhas das associadas.

E é que não nos faz soffrer o animo demorar em referir, o que alem de importante achamos gracioso, é nada menos do que o regenerador principio da instrução obrigatoria que a sociedade impoz; no que deu, até um exemplo á organização official, que na lei consigna aquelle preceito, mas não por modo effcaz e serio. Assim (e para este ponto pedimos attenção) todas as socias são obrigadas a mandar as filhas ás escolas primarias e todas as creanças que estiverem debaixo de sua direcção de seis a nove annos de idade; e á escola profissional da associação, das nove aos doze annos, sob pena de perderem pelo espaço de dous mezes todos os direitos de socias por cada mez que deixarem de cumprir esses preceitos.

Não ha elogio sufficiente para este principio, grande, civilizador.

Alem das meninas as proprias socias teem jus a frequentar as escolas da sociedade.

\* \* \*

Conhecidas, como bases de ensino da associação funchalense, a instrução complementar e profissional, vejamo-la agora resumidamente nos pontos principaes.

Na parte complementar do ensino primeiro ministra a educação moral e religiosa. Não o faz com o papagueamento usual das escolas portuguezas, mas trata de infiltrar successivamente nos corações os preceitos e conselhos por meio dos actos diversos da vida, e segundo a oportunidade das circumstancias. E' o systema intuitivo natural e progressista. N'este proposito ha tambem conferencias feitas pelas associadas ou por pessoas extranhas, que para este fim se offerecem sobre assumptos em harmonia com as idéas da instituição e tendentes a formar boas donas de casa, esposas e mães. Igualmente está em organização uma bibliotheca para auxilio do ensino complementar e do profissional. Os livros por meio da leitura nos domicilios, levarão ao lar domestico, ao centro mesmo das classes populares os principios da educação e da instrucção.

Não podia esquecer ao pensamento harmonioso da educação physica.

Sobre a doutrinação dos preceitos hygienicos, applicou-se as alumnas exercicios gymnasticos apropriados aos sexos e ás idades completado com a recitação e o canto coral.

E' um complexo de educação que se recommenda por si proprio e que se ha de ir aperfeçoando com os progressos da sciencia e os resultados da pratica.

Segue-se como parte fundamental d'esta excellente instituição funchalense, o redemptor ensino profissional.

Está dividido o ensino profissional da escola em seis classes. Cursos praticos os poderemos appellidar.

1.<sup>a</sup> CLASSE: — Criar o bicho de seda, fazer trança e chapeos de palha, lavar, engommar, fiar, tecer, mysteres de cousinheira e de creada.

2.<sup>a</sup> CLASSE: — Coser, marcar de agulha, pontear, remendar, fazer meia, crochet, redes, frioleiras.

3.<sup>a</sup> CLASSE: — Desenho linear com applicação ao ornato, ao bordado e ás flores, bordar em branco, trabalhar por medida e fazer roupa branca espartilhos.

4.<sup>a</sup> CLASSE: — Costura e mecanica.

5.<sup>a</sup> CLASSE: — Trabalhar por medida e fazer vestidos, mantelettes, capas, etc.

6.<sup>a</sup> CLASSE: — Fazer toucas, tocados, enfeites, flôres, rendas, bordados não comprehendidos na 3.<sup>a</sup> classe, chapéus de tecido de seda ou lã, obras de cabello, etc.

As noções theoricas procedem ou acompanham a pratica por meio do material necessario ».

## II

Essa associação de protecção e instrucção do sexo feminino, cujo grandissimo exemplo bem desejaríamos que se seguisse em nossa cara patria, é uma prova cabal de quanto póde o esforço da mulher.

« As mulheres nos Estados Unidos, diz um escriptor notavel, fallando da instrucção no Chile, tem para isso trabalhado tanto como os homens.

« Quem nos dera que ellas aqui fizessem o mesmo! As mulheres podem muito quando desejam, todo quanto querem. Si ellas desejassem, poucos ignorantes haveriam; si ellas queressem não haveria um só ».

Mas qualquer idéa civilisadora de grande alcance para a humanidade, onde se apresenta, precisa de uma unidade social para se desenvolver e realisar. Assim o têm pensado as nações cultas, que animadas por fervoroso patriotismo, não descançam no louvavel empenho de augmentar as conquistas do progresso para a verdade do bem, auxiliando-se da collaboração efficaz da iniciativa individual e do esforço collectivo incessantemente renovado de muitos. Alem de que um povo intelligente e instruido tem sempre recursos para tudo.

Entre nós porém, collocando de parte as excepções, a educação moral e intellectual do sexo feminino ainda está por formar-se, é tristissimo o vasto estendal da nossa ignorancia que nos tira a um tempo a firmeza do character, a independencia e a liberdade de acção, e por isso não sabemos encarar a vida pelo seu verdadeiro aspecto de se-

riedade e de justiça; e nem a nossa inhabilidade e incompetencia nos permittein qualquer trabalho seguido.

São acanhados os nossos pensamentos, não temos livre iniciativa, o que conjunctamente com a timidez da intelligencia nos reduz a vida a uma impotencia real; sem attingirmos a plenitude da existencia, seremos o que os outros, quizerem, boas ou más segundo as circumstancias. A vista de um tal estado, onde buscar remedio para debellar tão profundo mal?

Como encontrar echo, uma voz tão debil, tão humilde como a nossa?

Oh! quem nos dera que no conflicto da existencia das sociedades e dos individuos, vibrando as fibras mais intimas dos corações conseguissemos accender a sagrada chamma do enthusiasmo, para a realisação de todas as idéas uteis á humanidade!

Desse enthusiasmo que mesmo quando toca a raia do fanatismo é uma força motora util, talvez indispensavel, segundo a phrase de Spencer.

A falta da instrucção professional influe mais do que se suppõe nos costumes e na prosperidade d'um paiz. Por isso pedimos a todos que sentirem esse enthusiasmo santo que se chama amor de patria, que é o mais seguro fiador da independencia e civilisação, para que em vez de perderem a coragem, em vez de cruzarem os braços inactivos e indifferentes aos triumphos do mal tornando-se pela inercia semelhantes ao penhasco hirto de puas, venha trazer cada um o seu contingente, pequeno embora, mas fecundo, afim de pôr-se em pratica o salutar principio da associação. E' esse o unico meio para combatermos a ignorancia que nos quebranta e esterilisa.

Não nos esqueçamos tambem das palavras d'um grande pensador, quando diz com toda a justiça: « Se a christandade está hoje tão decahida, é por não se ter importada com a infancia, é por esta que se deve recommear ».

E por isso como um dever sagrado contribuamos, com toda a nossa energia, com toda a nossa abnegação, para

guiarmos com mais carinho a nova geração á conquista dos seus lisongeiros destinos, visto que os esforços efficazes convenientemente empregados serão sufficientes estimulos para avivar os indifferentes e para convencer aos obstinados e hostis á marcha triumphante do progresso.

Só assim cada uma de nós se habilita para preencher dignamente o seu destino, quer na familia, quer na sociedade, tendo ante si a perspectiva do futuro a que lhe derem direito, o seu talento, os seus estudos e o seu amor ao trabalho.

*S. Paulo.*

ANALIA FRANCO.

## IMPRESSÕES DE NATAL

Por entre as poeticas e graciosas festividades populares que tanto nos fallam ao coração, sobresahe o Natal, a festa dos espirito simples e rectos, a festa das mães e das creanças. Ha quasi mil e novecentos annos que junto ao funebre monumento de Rachel, nasceu pobre e desconhecido n'um estabulo de Belem, aquelle que devia presidir mais tarde o destino de mundo, illuminando-o e aperfeiçoando-o com a luz radiosa de sua sublime philosophia.

Infelizmente porém, ao passo que a sociedade se eleva ao maior gráo de civilisação vão rareando os lugares em que as deliciosas e pittorescas tradições dos nossos avós se não apagaram de todo, perdendo pouco a pouco o seu character essencialmente nacional. E assim a festa do Natal com a classica Missa do gallo e os seus devotos presepios armados com tanto gosto já não têm em muitas das nossas cidades, a sua poetica originalidade.

Distituidas do character pittoresco essas festividades vão perdendo a sua primitiva importancia e não inspiram mais ao povo, esse sentimento religioso e profundo que a fé intensa tornava outr'ora tão vivo, tão sincero.

Fatal condição do progresso humano, diz um escriptor notavel: « Será pois uma lei da natureza, que cada passo no caminho dos melhoramentos sociaes do aperfeiçoamento intellectual tenha de ser comprado á custo d'um abaixamento do nivel moral e poetico de originalidade e de verdadeiro genio? Pungente relevação que envolve um grande problema philosophico ».

Vivendo por alguns annos em uma civilisação um tanto diversa, apenas conservava d'esta festividade, que entrevira na minha infancia, a lembrança, que me ficou como uma d'esses vistas luminosas esplendidas que se não podem descrever, porém que se estampam na mente para nunca mais se apagarem.

Entretanto quando ouvi o ruido da exuberante alegria d'este povo que com os festivos sons metalicos dos sinos e o estrugir dos foguetes e girândolas annunciavam ás nuvens do céu o nascimento do Redemptor do mundo, experimentei a mais agradável surpresa, a mais intraduzivel commoção. Senti evolar-se em torno de mim, como que uma voz suave e doce, evocando as lembranças ineffaveis do passado, n'essa epocha florida, tranquilla e deliciosa da infancia; sob o perfumado bafejo do lar paterno. Oh! como tive então saudades d'aquella alegria tão franca em que com o espirito perfeitamente desprendido de cuidados e inquietações, eu via tudo esplendido e brilhante como uma primavera sempre luminosa!

O céu me parecia mais limpidamente azul, constellado de astros mais resplendentes.

A noite tinha para mim reflexos de aurora e o dia harmonias dulcissimas.

A flór mais vulgar que matisava os campos, as vividas rosas que esmaltavam os jardins, inebriando-me com os seus deliciosos aromas, os insectos multicores, os alados cantores que irriavam a plumagem ao mais esplendido sol: tudo emfim na natureza, parecia entornar a flux torrente, de luz e harmonias.

N'essa epocha em que o coração se expande a tudo quanto é bello e grande, em que se confia em tudo, sente-se uma verdadeira sensação de enthusiasmo para tudo quanto nos sorri, e a cada creatura formosa que encontramos, crêmos serem anjos que a Providencia envia do céu para acrisolarem a nossa fé, fallando-nos de um mundo ideal, povoado de cherubins risonhos de aparições luminosas e repleto de delicias infindas.

Oh! doces e bellos tempos, com que commoções sempre vivas, sempre novas, eu não contemplava os presepios da minha terra, tão cheios de inesperados encantos para o meu coração juvenil?!

Riam-se, muito embora, os sectarios da philosophia materialista, das escolas satanicas e ultra-realistas, que a suave poesia da crença consoladora, as doces puerilidades da infancia, hão de aureolar sempre com todos os seus prestigios seductóres as fronte candidas das creanças, illuminando-lhes os seus mais bellos e felizes dias; e para a alma que sonha e crê ainda que abalada pelos dolorosos attrictos d'uma existencia repleta de vicissitudes e contradicções desoladoras as suas festividades religiosas, tão cheias de sentimento profundo na sua simplicidade tem o poder de encadeiar-lhe docemente o espirito, desprendendo-o das preoccupações terrenas para elevá-lo ás regiões ignotas do mysterio extasiar-se por instantes na contemplação da Divindade!

*S. Paulo.*

ANALIA FRANCO.

## A Cruz do Arroio

Atraves de sinuosos meandros de arvores espessas e arbustos, em um atalho quasi ignorado á margem de humilde riacho, via-se n'uma esplendida manhã de primavera uma encantadora menina loura, trilhando com imperturbavel serenidade essa arriscadissima vereda. Tinha o corpo delgado e franzino os olhos rasgados e admiravelmente bellos.

Os cabellos em fartos anneis cahiam-lhe com profusão até á cintura atados por uma estreita fitinha azul celeste; sombreando ao de leve a sua frente clara e assetinada. Os seus trages eram assaz singelos; trazia um avental preto arrempanhado e repleto de flores. Os pesinhos delicados pisavam nús imperceptivelmente por sobre as relvas e hastes emmaranhadas do caminho como se trilhassem sobre a mais avelludada alfombra. Dir-se-hia estar de ha muito habituada a vagar por tão agrestes e intricandas veredas, no emtanto faziam apenas alguns mezes que para alli viera. Um imprevisto revez de fortuna, obrigara seus paes a abandonarem a cidade onde viviam e a virem occultar n'aquella inhospita solidão, o infortunio e a miseria a que se achavam condemnados. A feliz organização de Evelina que tinha então 15 annos, nada soffreu com tão brusca mudança, e como nos ditosos dias de sua opulencia, depois de auxiliar a mãe nos mais rudes affaseres domesticos, percorria alegre e feliz, sem pesares de hontem, nem cuidados de amanhã quasi todos os arredores d'aquelle sombrio deserto, apenas ameigado pela doçura attractiva d'um clima suave. A vida da menina deslisava-se pois suavemente, qual brisa tepida e perfumada. Em cada aurora que passava, julgava ouvir um novo hymno, e cada crepusculo trazia-lhe uma nova esperança.

A sua alma boa e generosa tinha sempre um manancial inexaurivel de consolação para todas as dôres.

Ao pé de si ninguem podia estar triste, os seus desvelos tinham o mago condão de suavisar todos os males. Sempre meiga, serena e ridentissima, até aos seres inanimados estendia a sua constante sôllicitude.

\*  
\*  
\*

Um dia em que alongara mais além as suas excursões pela floresta descobriu por entre verdejantes moitas de arvoredos, uma pobre cruz abandonada. Muitas vezes ella tinha visto á beira das estradas, erguida em tosco pedestal de musgo e pedras essa synthese angusta da dor, como que

a implorar do ignoto viajor que passa, uma prece, uma lagrima pela infeliz victima d'uma catastrophe, d'um crime talvez; mas em todas ellas vira algumas flores murchas, uma fitinha enlaçada, um emblema qualquer attestando não estarem completamente esquecidas.

Só aquella cruz abandonada jazia no olvido, sem duvida ha muitos annos. O solo achava-se alli coberto de sarçaes e outraservas rasteiras, que impavidas s'enlaçavam até aos braços da cruz, já meio derribada pelos destroços do tempo. A'quella inesperada descoberta não poude reter uma exclamação de sincera piedade, e algumas lagrimas compassivas rebrilharam-lhe nos olhos.

— Pobresinho!... Oh! meu Deus tende compaixão do infeliz que aqui morreu talvez no desamparo! Toda essa noite Evelina sonhou com o desgraçado, cujo tragico fim a cruz abandonada parecia attestar, e no dia seguinte com o auxilio de seu pae conseguiu transformar aquella brenha selvatica n'um poetico e devoto retiro, que a sua piedade comprasia-se em adornar todas as manhãs das mais bellas e aromaticas flores, orando sempre pelo desgraçado alli ha tantos annos esquecido.

As arvores entrelaçando os seus ramos formaram um magnifico pavilhão, no centro do qual hasteava-se a cruz no seu tosco pedestal de pedra, por cujas fendas brotavam agora mimosas flores, producção expontanea da natureza.

A' pequena distancia via-se filtrando harmonias no seu murmurio, a corrente pacifica, serena e limpida d'um arroio que parecia exhalar aromas, dando frescura e viço á mimosa alfombra, que agora graças aos cuidados de Evelina, alcatifava aquelle suave retiro como um extenso tapete de virente matiz.

\* \* \*

Na fresca e amenissima manhã que a nossa singela narrativa explica, Evelina lembrara-se de colher as mais bellas e viçosas boninas para adornar a cruz do arroio, como ella a chamava. Alli chegando sentou-se sobre a macia relva

e depois de abrir o avental, começou a tecer com graça e agilidade incomparáveis uma linda coroa de candidas boninas, cantando alegremente.

Todo embevecida no trabalho sorria satisfeita, e quando succedia erguer os bellos olhos, fitava-os languidamente sobre a cruz, então dos seus labios parecia escapar uma singela prece em favor d'esse infeliz a quem jamais conhecera, porem que habituou-se a amar, como amava a todos os desgraçados.

Depois de concluída, enlaçou-a devotamente n'um dos braços da cruz e affastando-se alguns passos deteve-se a considerá-la no mais religioso enlevo d'alma, respirando com delicias o odorifero perfume das boninas, que ainda orvalhadas pelo rocio matutino scintillavan aos raios brilhantes do sol, como focos de luz. Em seguida Evelina curvou-se olhando para o avental, que tinha preso entre as mãos, e vendo quantidade de flores sufficientes, dispunha-se a tecer uma outra corôa, quando deixou repentinamente escapar uma exclamação de espanto, recuando toda enrubecida e tremula para junto da cruz, como se invocasse o seu amparo. Tinha avistado á curta distancia, uma pessoa completamente desconhecida para ella, a qual parecia contemplá-la em extatica admiração. O desconhecido vendo-se descoberto aproximou-se d'ella e a saudou com um sorriso insinuante. Evelina na sua extraordinaria surpresa e confusão deixara cahir do rogaço as flores que espargidas pelo chão exhalavam os mais inebriantes profumes.

Entretanto sentiu-se gradualmente tranquillizar ao aspecto d'um bello mancebo, de porte airoso, tendo apenas os labios sombreados por um tenue bigode.

— Nada deveis receiar, encantadora joven, disse elle com um timbre de voz agradável, porque o zelo e sollicitude que dignastes dispensar a este recinto sagrado, onde perdi o melhor dos paes, inspiram por vos um culto santo de agradecido respeito.

Então o moço em breves e succintas palavras referiu-lhe a catastrophe que o tinha reduzido á orphandade.

Havia muito tempo desoito annos talvez, quando um rico caçador ao percorrer com diversos companheiros, aquellas paragens, no momento de atirar a um veado, o cavallo que montava, tropeçando nos liames e cipós que interceptavam o caminho precipitou-o no chão, com tanta infelicidade que a arma voltando-se contra elle disparou matando-o quasi instantaneamente.

A' memoria d'esse infausto acontecimento os seus amigos erigiram uma cruz no mesmo sitio onde elle havia expirado.

A sua infeliz viuva pouco sobreviveu a essa desgraça, deixando orphão o unico filho que tinham, o qual tendo apenas tres annos de idade foi entregue aos cuidados d'um parente affastado, que o levou para longe d'esses lugares.

Chegando porém á sua maioridade, ao tomar posse da grande fortuna que possuia, o seu primeiro cuidado como bom filho que era, foi informar-se do local onde perdera seu pae. Tencionava mandar erigir uma pequena capella, n'esse lugar sagrado para elle.

Cançado porém de inuteis pesquisas, estava quasi a abandonar semelhante empreza, quando casualmente ouviu a voz argentina da moça, que para alli o guiara, sem que fosse presentido por ella. Ainda quando não bastasse o conjuncto harmonioso e irresistivel das graças de Evelina, a affectuosa sollicitude com que ella aformoseara aquelle venerando recinto, seriam assás sufficientes para subjugal-o completamente.

Desde então aquellas duas existencias que pareciam talhadas uma para a outra se fundiram n'uma harmonia intima de sentimentos perfeitamente iguaes, gosando da encantadora e dulcissima certeza de que o seu mutuo affecto era comprehendido e compartilhado.

\* \* \*

Quando alguns mezes depois os paes de Evelina viram-n'a alegre, rica e feliz, ligada para sempre ao joven a quem amava, espargindo em torno de si a felicidade; ergueram os olhos para o céo agradecendo a Deus os bens

de que gosavam, e ão mesmo tempo bemdiziam a modesta cruz do arroio, á quem na sua piedosa crença attribuiam grande parte de sua imprevista ventura.

*S. Paulo.*

ANALIA FRANCO.

## A UM JOVEN POETA

Poeta — é teu condão cantar no mundo  
 E sonhar..... — e sonhar;  
 Passar como o cysne em lago d'oiro  
 Nas aguas a boiar!  
 Ave consona — tens as azas candidas  
 Como as azas de um anjo.  
 A vida é negra: mas que importam males  
 Se és na terra um archanjo?..  
 Ri-te na mente um mundo predilecto,  
 O teu Eden vedado;  
 Viçam as flores, faz-se verde o campo,  
 E' o céu azulado.  
 Mas amanhã — quem sabe? Os sonhos passam,  
 A flôr é já murchada,  
 Opaco o céu, a hervagem resequida  
 E a lousa alevantada.  
 Poeta — é teu condão cantar no mundo,  
 Deus fadou-te ao nascer.  
 Passarás como o cysne em lago d'oiro  
 Cantando até morrer!  
 Eia! — Carreira infinda se te abre,  
 A gloria ao longe entre laureis te chama,  
 Os rios correm, as estrellas brilham,  
 O céu vivo se arreia, as aves trinam;  
 Tens um ninho nos astros; — eia, vôa!

JOSÉ BONIFACIO.

## CONTOS POPULARES

Attendendo ao pedido de algumas mães de familia, assignantes d'esta *Revista*, resolvemos a encetar a publicação de varios contos populares destinados ás creanças.

Das tendencias do povo para o elemento maravilhoso que mais ou menos opulenta as narrativas populares, nascem e prosperam as lendas poeticas, sem se importarem

com as exigencias meticulosas da historia. « E fazem bem, diz um escriptor, porque a historia é como a realidade secca e triste: só a livre fantasia voando doudamente pelos espaços do Ideal entrevê e ás vezes abraça a verdadeira belleza ».

Embora os sabios protestem, o que é certo porém é que por mais uteis que sejam os contos scientificos, hoje tanto em moda, não podem contudo lutar vantajosamente com a feição pittoresca das lendas e contos populares.

O povo e as creanças no geral revelam tendencias mais poeticas do que especulativas, preferem em regra o que lhes fascina e deslumbra o espirito, o que lhes sorri á imaginação e o que faz vibrar no coração as fibras do sentimento. O essencial porém é que os contos ensinem uma moral viril, não é com o mal que se deve captivar a imaginação das creanças, mas sim com o bem.

« Certas pessoas d'um espirito austero, diz um illustre educador, prescrevem da escola os contos de fadas. Pretendem que a criança só deve conhecer o que é real; afastam della toda a ficção como um erro. Não têm talvez rasão. Os contos de fadas, hoje considerados como um elemento importante da litteratura popular, não são mais falsos do que a poesia e o theatro; constituem por assim dizer a poesia epica das creanças. Dirigem-se á imaginação, e a imaginação é uma faculdade cuja cultura convem não desprezar

Atrophial-a é enfraquecer a sensibilidade da criança e destruir o sentimento do bello, que é ainda mais elevado do que o sentimento da verdade.

Se os contos existiram em todos os povos; se os egypcios os cultivaram como pode vêr-se em Herodoto; se as creanças romanas se deleitavam com a narração dos infortunios de Psyche; se depois de tantos seculos; estas invenções terriveis ou graciosas entretêm o povo em todos os paizes e se conservaram através de todas as revoluções politicas, religiosas e litterarias, devemos convir que ha n'ellas alguma causa que impressiona o coração humano e consequentemente um elemento educativo, que não convem por

de parte para as classes infantis ». Assim pois começo a encetar esta secção com o conto popular D. Constantino, tal como o ouvi, sem accrescentar uma só linha.

### D. CONSTANTINO

No tempo em que os homens se contentavam com uma alimentação muito mais simples do que hoje, havia um pobre pescador que todos os dias apenas pescava tres peixinhos, sendo um para si, outro para sua mulher, e o ultimo para sua unica filha, galante menina de quatorze annos de idade.

Constantina era o seu nome, e tornara-se a alegria e o consolo dos seus paes. Com effeito essa encantadora menina reunia em si todas as graças da belleza e todas as dotes do espirito á par do amavel complexo das mais bellas qualidades do coração.

Era muito activa, estudiosa e docil a seus paes, tendo uma especial devoção á Virgem e ao seu Anjo da Guarda, a quem invocava todos os dias. Aconteceu porem que o pescador indo um dia, como costumava, estender ás suas redes, não conseguia pescar um só peixe.

Já se avisinhava à noite e o pescador desanimado recolheu as suas redes, pensando cheio de tristeza nos meios que empregaria para descobrir alguma causa que pudesse levar a sua querida Constantina, a qual devia estar bem inquieta com a sua demora. Não encontrando nenhum expediente, curvou a cabeça ao peso do seu desalento, e indo sentar-se sobre uma pedra do caminho, alli chorou amargamente.

Nesse tempo passava um ancião absorvido nas suas meditações, e ouvindo os soluços do pescador deteve-se a fital-o commovido:

— Porque choras meu amigo? O que te aconteceu, que assim te afflige? disse o ancião tocando-lhe levemente ao hombro.

Ouvindo aquellas palavras proferidas com um accento de suavidade, que penetraram o bom pescador, este sem mais preambulos referiu-lhe o motivo da sua magôa. O velho pareceu reflectir alguns segundos, e em seguida tirou d'um dos seus bolços um novello de linha, do qual partiu um fio e dividendo-o em tres partes iguaes deu a cada uma pequenos nós, e disse-lhe ao mesmo tempo que lhe entregava:

— Toma, meu filho, estes tres fios, que te vão proporcionar grandes bens, se cumprires á risca o meu conselho. Assim pois, só te é permittido desatares estes nós, quando tiveres chegado á tua casa, ao contrario terás de arrependerte.

O pescador cheio de confiança no bom velho, lhe agradeceu com toda a effusão de sua alma, e em seguida tomou a estrada que conduzia á sua morada.

Quanto ao ancião, que era sem duvida algum astrologo ou grande magico, que por aquellas desertas paragens s'occupava em estudar os astros, desapareceu, por entre um circulo de collinas.

Entretanto o pescador instigado por uma irresistivel curiosidade resolveo a desatar os nós d'um dos fios.

Tinha chegado a entrada d'uma immensa floresta, que se estende a uma grande distancia, ainda bem longe da sua modesta vivenda.

Qual porem não foi a sua surpresa, quando ao acabar de desatar os nós, vio surgir diante dos seus olhos um consideravel rebanho de ovelhas d'uma alvura tão deslumbrante como a neve. ?

Quiz conduzil-as para sua casa mas as ovelhas assustadas á sua vista, com uma incrível velocidade correram para o centro da matta e desapareceram sem que lhe restasse uma só.

Não parou porem ainda ahi a curiosidade do pescador, porque apenas tinha caminhado alguns kilometros, quando se decidiu a desatar o segundo nó. A sua admiração foi ainda maior, a ver ante seus olhos uma quantidade tão

grande de bois, que cubriu toda a vasta planicie onde elle se achava.

Em vão empregou todos os seus esforços para conduzir alguns a sua residencia, mas os bois, como que espantados com a presença do pescador, fugiram em debandada sem que lhe ficasse um só.

E' de suppor que o pescador se corrigisse da sua curiosidade com o mallogro das suas duas primeiras tentativas, mas assim não aconteceu, e como era sem duvida um grande caturra, resolveu a desfazer o seu terceiro e ultimo nó, isto, quando já estava proximo á sua casa.

Ao mesmo tempo, como das outras vezes, appareceu de subito uma cavallhada nédia e luzidia, que era mesmo um gosto vêr-se; mas ao darem com os olhos no pescador, os animaes, como se tivessem azas nos pés, fugiram rapidamente sumindo-se no centro da floresta proxima.

Esta ultima experiencia, é que por fim fel-o cahir em si da sua imprudencia, em ter regeitado o conselho d'aquelle benevolo ancião que tanto bem lhe fizera, e que pela sua culpavel curiosidade acabava de perder talvez para sempre.

Acabrunhado por uma profunda tristeza, amaldiçoava a sua nefasta curiosidade, e soluçava amargamente lamentando a sua felicidade perdida.

Um cavalleiro que por acaso alli passava, ao ouvir as angustiosas lamentações do pescador, parou em frente a elle, inquirindo-lhe qual era a causa de tamanha dôr.

O pescador erguendo os olhos banhados de pranto, ficou deslumbrado a vista da riqueza e garbo do bello cavalleiro, cujas vestes bordadas a ouro resplendeciam aos ultimos raios do sol poente. Vencendo á custo a sua admiração contou-lhe em poucas palavras o motivo do seu pezar.

— Tens ainda o ultimo fio cujo nó desataste? disse o cavalleiro.

O pescador por unica risposta lh'o entregou.

O cavalleiro tomando-o entre as mãos acrescentou.

— Vou atal-o de novo, mas sob a condição de que

me has de jurar pela salvação da tua alma, que no prazo de um anno me trarás aqui n'este logar, a esta mesma hora o primeiro objecto que avistares, logo ao chegar á tua casa.

O pescador lembrando-se que tinha um cãosinho que era sempre o primeiro objecto que se lhe offerecia ao aproximar-se de sua propriedade, não hesitou um só momento em fazer o juramento pedido, na supposição de que ia bigodear o bello cavalleiro a quem elle imaginava ser o demonio em pessoa.

Assim que entregou-lhe o nó aconselhando-o que só o desatasse no cercado da sua vivenda, o cavalleiro desappareceu, sem que o pêscador pudesse vér para onde elle foi.

Tomando a estreita vereda que conduzia a sua morada, pouco antes de alli chegar, o pescador deu um grito de dôr, apertando entre as mãos a sua fronte, no auge de maior desespero; acabava de encontrar a sua adorada filha, que inquieta com a sua longa ausencia, o viera esperar na primeira volta do caminho.

A moça cheia da mais viva alegria correu ao encontro de seu pae, seguida do fiel cãosinho que saltava alegremente á sua frente. Mas vendo-o a chorar abysmado em profunda dôr, parou ante d'elle interdicta, sem que pudesse atinar qual o motivo de tão grande magôa.

O pae abraçando-a por entre lagrimas contou-lhe o juramento que fizera ao cavalleiro do bosque, juramento que agora por uma inesperada fatalidade o privaria para sempre da sua querida filha.

Constantina um tanto surpresa e consternada, ainda assim teve animo bastante para consolar a seu pae e sua mãe, que informada do occorrido veio misturar as suas lagrimas com as de seu marido.

— Ainda temos um anno em nosso favor meu querido pae, dizia ella, e d'aqui até lá bem pode acontecer que Deus nos inspire um meio salvador, para nos livrar do cumprimento da promessa que acaba de fazer.

O pescador mais consolado com as palavras de sua filha, resolveu por fim a desatar o nó que ainda tinha comsigo, e que na violencia da sua dôr se esquecera completamente.

Logo que conseguiu desatal-o, viu apparecer a mesma cavallada lusidia que perdera na floresta, mas com geral admiração de todos, destacava-se um bellissimo cavallo branco, menor do que os outros, e com as pernas um tanto longas, as quaes entretanto não eram desproporcionaes ao seu tamanho; antes pelo contrario pareciam dar-lhe uma apparencia mais engraçada e digna de nota. Constantina a quem seu pae havia ordenado que escolhesse um d'aquelles bellos animaes para a sua sella, sem hesitar declarou que ficaria com o cavallinho branco de pernas longas, ao qual deu o nome de cavallinho de pau.

Com a venda dos animaes o pescador conseguiu augmentar as suas terras, e alargar a sua vivenda tornando-a mais apreciavel e confortavel. A riqueza porem de que gozava, não lhe proporcionou a felicidade; porque a cada instante recordava-se da promessa que havia feito e que importava nada mais e nada menos, que a perda da sua adorada filha, unica alegria e consolo da sua vida.

Emfim expirou o praso estipulado sem que pudesse achar o meio desejado, para eximir-se ao cumprimento da sua promessa.

O pescador e sua mulher no auge do desespero, choravam amargamente, e Constantina em vão empregava toda a sua affectuosa sollicitude para os consolar. Foi ella quem determinou todos os aprestos para a partida, affectando uma coragem que estava bem longe de sentir, afim de não augmentar com a sua dôr, as angustias dos caros auctores dos seus dias.

Depois de ter abraçado sua mãe por entre lagrimas, montou no seu cavallinho de pau, e seguida por seu pae dirigiu-se para a floresta, onde chegaram justamente á hora marcada pelo juramento feito um anno antes.

Ao approximarem-se do local apazado avistaram o bello cavalleiro de vestimenta dourada, o qual adiantou-se a recebê-los, agradecendo ao pescador o cumprimento da sua palavra, com um sorriso em que deixava ver duas filas de dentes que pareciam perolas. No momento em que transportado de alegria ia tomar as redeas do cavallinho de pau para apoderar-se da moça, o cavallinho alongando indefinidamente as pernas, erguen-se no ares e desapareceu de subito levando consigo a formosa Constantina.

O cavalleiro de bosque fulo de colera, deu um horrivel bramido e sumiu-se em baixo do solo que abriu-se para recebê-o.

O pescador tranzido de susto, assistiu a toda esta scena, sem poder articular uma unica palavra, com os olhos desmedidamente abertos, n'uma especie de doloroso torpor.

Quando por fim conseguiu voltar a si, deu um longo suspiro de allivio, ao pensar que a sua querida Constantina não ficara pertencendo ao principe das trevas, como elle o suppunha, mas sim a algum bom genio salvador, que sem duvida lh'a restituiria logo.

Consolado com esta idéa regressou a sua casa, dando parte a sua mulher do occorrido, e esperando todos os dias vêr chegar a sua filha, no seu encantado cavallinho de pau. Segundo reza a lenda transmittida por nossos avós, o celebre cavallinho de pau era nada mais e nada menos, que o anjo da guarda, de quem a moça era muito devota, o qual tomara essa fórma visivel para livral-a dos embustes do demonio, que a queria empolgar.

O cavallinho ou antes o seu anjo da guarda durante o caminho a instruiu sobre tudo quanto ella deveria fazer, afim de livrar-se das ciladas do principe, das trevas.

Depois fel-a trocar os seus simples trajes de componsea, pela rica vestimenta de principe, conduzindo-a em seguida ao palacio d'um poderoso rei, onde ella deveria hospedar-se alguns dias sob o nome de D. Constantino.

Quem a visse, não poderia por certo reconhecer n'aquelle elegante e formosissimo principe, a singela filha do pobre pescador.

Quando ella apeiou-se junto ao vestibulo do magnifico palacio do rei, dizendo que era o principe D. Constantino, todos os vassallos se apressaram em recebê-la, conduzindo-a á presença do joven rei, que então achava-se no throno, ao lado da rainha sua mãe.

O porte gentil e a encantadora graça de Constantina, attrahiran-lhe logo a admiração e a estima, não só do rei, como de toda a sua corte, e á porfia se esmeravam em dispensar-lhe as mais vivas demonstrações de affectuosa sympathia e respeito.

Aconteceu que por aquelle tempo viajava para instruir-se, um grande principe notavel pelos seus talentos e virtudes, e cujo denodo, a fama apregoava em todas as partes do mundo conhecido; a semelhança do nome, fizera com que o rei e a sua corte, facilmente tomassem a filha do pescador pelo famoso principe D. Constantino.

As demonstrações de subido apreço que tributavam a á moça, não lhe causavam a menor admiração, visto que de todo se achava prevenida pelo seu anjo da guarda.

Entretanto ninguem se sentia mais preso e rendido aos encantos de Constantina, do que o proprio rei.

Já por varias vezes tinha dito a sua mãe, que os meigos olhos scintillantes de D. Costantino o encantavam por tal modo, que seria capaz de jurar que elle não passava d'uma formosa princeza desfarçada. Mas a rainha, que não participava da sua opinião, tinha procurado dissuadi-lo de semelhante idéa, sem comtudo o conseguir. Por fim disse ella a seu filho:

— Vou sujeitar D. Constantino, a uma prova, que te ha de desenganar. Amanhã mandarei as minhas damas atirarem-lhe uma grande quantidade de flores, se elle mostrar o mais ligeiro signal de enfadado, é um principe, mas se pelo contrario sorrir satisfeito, então não ha que duvidar Dão Constantino não é senão uma princeza em trajes de homem.

A rainha se bem o disse, melhor o fez, mas Constantina prevenida pelo seu bom anjo, ao vêr-se envolvida de subito n'uma chuva das mais perfumosas flores, recuou ei-

guns passos, com bem visível gesto de desagrado. A rainha sorriu-se, lançando sobre o rei um olhar em que parecia dizer-lhe eloquentemente:

— Vês, como te enganaste?

Todavia o rei não se mostrou convencido, e por isso sua mãe resolveu-se a submeter Constantina a uma outra prova.

Quando chegou a hora do jantar, mandou collocar junto a mesa muitas cadeiras baixas, e como por casualidade outras extraordinariamente altas, de permeio ás baixas.

— Se elle escolher de preferencia uma das cadeiras baixas, disse a rainha ao filho, é porque realmente é uma moça; mas se assentar-se em alguma das altas, não terás mais rasão para as tuas supposições.

O rei meneiou a cabeça com um ar de duvida; Constantina regeitando a cadeira baixa que lhe tinham destinada junto ao rei, pediu com toda a urbanidade que a trocassem por uma alta, visto que não gostava de assentar-se senão nos lugares elevados.

A rainha olhou para o filho triumphante, certa de que afinal apóz aquella prova, já não lhe restava a menor duvida sobre a identidade do principe D. Constantino. Apesar da moça sahir triumphante d'esta segunda experiencia, ainda assim o rei não se deu por convencido, e a rainha então aconselhou-o para convidar o principe a um banho no mar, com toda a sua corte, julgando este o unico alvitre para o desenganar completamente.

O local determinado para o banho era assaz distante da cidade; por isso tiveram de ir á cavallo, e Constantina montava no seu cavallinho de pau, o qual durante o tracto explicou-lhe como deveria livrar-se da ultima prova a que a rainha queria sujeital-a. Disse-lhe tambem que a riqueza proporcionada a seu pae, pelo anjo das trevas, si lhe accarretara as maiores desgraças, e que por isso achava-se preso e condemnado á morte, como ladrão de animaes, não sabendo explicar aos juizes, a procedencia dos seus bens. Acrescentou-lhe tambem que sua mãe, minada pelos

desgostos deixara de existir. A moça ouvindo a nova das desgraças de seus paes, sentiu uma dôr cruel e á custo pode reter as suas lagrimas. Pediu instantemente ao seu anjo da guarda para a conduzir onde se achava o caro auctor dos seus dias.

O anjo prometteu-lhe que n'aquelle mesmo dia estaria ao pé de seu pae, e que o livraria da morte.

Tinham por fim chegado a praia de mar, entregaram os animaes ao cuidado dos pagens, e cada um tratava de despir-se, quando o cavallinho de pau começou uma briga desesperada, dando formidaveis couces e dentadas nos seus companheiros. Era tal a sua furia, que não havia quem o pudesse conter; Constantina correu em auxilio dos pagens; mas assim que o cavallinho a avistou, fugiu n'uma vertiginosa carreira; a moça foi em seu seguimento conseguindo detel-o quando já estava bem longe da todas as vistas, e o montou desaparecendo rapidamente d'aquelles sitios.

O cavallinho de pau, que fizera tudo aquillo á proposito para arrebatat Constantina e conduzil-a junto a seu pae; em poucas horas chegou com ella justamente no momento em que o pobre pescador subia os degrãos da forca. A moça cortou a corda do pescoço de seu pae e fel-o subir no seu cavallinho, sumindo-se com elle nos ares, com grande espanto dos espectadores reunidos, para assistirem á lugubre execução, os quaes retiraram-se maravilhados com o assombroso prodigio que tinham presenciado.

Em seguida o anjo os conduzio a um castello abandonado, mas provido de tudo quanto era necessario para a vida. Alli Constantina lançou-se nos braços de seu pae, dando-se-lhe a conhecer, e referindo-lhe todos os favores que tinha recebido do seu anjo da guarda, debaixo da forma d'aquelle cavallinho branco. O pescador cheio da mais viva alegria, abençoou a sua querida filha, aconselhando-a que seguisse sempre as inspirações do seu bom anjo. Depois de acalmados os primeiros trausportes, o anjo disse a Constantina, que ainda era preciso emprehender uma viagem á corte do jovem rei que tão magnificamente a tinha hospede-

dados, afim de salvá-lo visto estar em perigo de morte por sua causa. A moça que do intimo da sua alma amava o rei, não hesitou um só momento, e tendo recebido do seu bom anjo as instrucções precisas, foi despedir-se de seu pae. Este sem indagar o motivo da sua ausencia, por ter grande confiança no anjo da guarda que a protegia, a abençoou, pedindo-lhe sómente que abreviasse quanto possível o seu regresso para junto d'elle.

O joven rei tendo esperado inutilmente a D. Constantino, começou a experimentar a mais viva inquietação, que se augmentava a medida que se prolongava a sua ausencia. Sem perda de tempo despachou emissarios em todas as direcções; mas ninguem sabia informar-lhe sobre o que fora feito do principe.

O rei cada vez mais convencido do que D. Constantino era uma formosissima joven, sentia por ella o mais violento amor, e desenganado de a poder encontrar, visto terem sido infructiferas todas as suas pesquisas, abysmou-se n'um desalento tal que em poucos dias o levou ao ultimo extremo.

A rainha sua mãe e os seus subditos que o adoravam pelas suas rarissimas virtudes, achavam-se na maior consternação, quando viram cheios de surpresa apparecer no aposento do rei moribundo, o principe D. Constantino.

Este depois de saudar a todos com uma ligeira inclinação de cabeça, dirigiu-se para junto do leito onde agonisava o rei, e tomando entre as suas mãos, com o maior carinho a cabeça do moribundo, despejou sobre os seus labios um miraculoso liquido que o anjo lhe tinha dado.

Alguns minutos depois, com grande espanto da rainha e dos seus vassallos, o rei começou a mover-se, abriu os olhos, e fez um gesto como se quizesse sentar-se. Um brado unisono da mais viva alegria irrompeu-se das labios dos que acabavam de presenciar tão miraculosa cura.

O rei que se achava recostado nos braços de D. Constantino, ao reconhecê-lo, experimentou um tão vivo jubilo que por pouco não desmaiou.

— Ah! se soubesses D. Constantino, quanto hei soffrido desde o dia em que partiste!?... mas agora não me has de deixar nunca mais; juras-me, não é verdade?

Havia uma suavidade tão ineffavel na inflexão supplice do rei, que Constantina vivamente commovida quasi sem saber o que dizia, prometteu-lhe nunca mais o abandonar.

Ao mesmo tempo por uma rapida e imprevista transição, desapareceu a vestimenta de principe que ella trazia, e a moça apresentou-se agora com os seus trajes proprios, mas d'uma magnificencia tal, que todos acreditaram ter ante si alguma poderosa fada.

Constantina porém os dissuadiu do seu engano, contando-lhes simplesmente a sua historia, e a singular protecção que recebera do seu anjo da guarda, de quem era muito devota.

Alguns mezes depois, celebrou-se no palacio com a mais extraordinaria pompa, o consorcio de Constantina com o rei. Seu pae achava-se presente, tendo vindo com antecedencia, para assistir as festas dos esponsaes de sua filha.

O bom velho chorava de alegria, jamais tinha imaginado que a sua querida Constantina chegasse a ser uma poderosa rainha, tão amada e tão feliz.

Desde que a anjo viu a sua protegida livre de todo o perigo e feliz com o seu real esposo, perdeu a forma visivel que havia tomado do celebre cavallinho de pau; mas nunca deixou de a favorecer em todas as circumstancias da vida. E' que Constantina, assim como o joven Tobias, protegido pelo anjo Raphael, continuou a perseverar sempre na trilha da virtude, e por isso em quanto existiu, o seu bom anjo da guarda jamais a abandonou.

*S. Paulo.*

A. FRANCO.

# UMA VIDA MODELO

## VI

Ao regressar a sua modesta residencia em Nazareth, continuou Maria Santissima a sua virtuosa e tranquilla existencia na companhia do seu esposo. Este iniciado por revelação divina no mysterio da incarnação do Filho de Deus, comprehendera perfeitamente todas as prophcias de Isaias, que se iam verificar á risca.

Por esse tempo Cesar que governava em Roma, mandou publicar um edicto ordenando alistarem-se em todas as terras sujeitas ao seu dominio os chefes de familia para se inscreverem no rol dos contribuintes conforme as posses.

Chegou este edicto a Bethlem justamente na epocha memoravel do nascimento de Jesus. Maria Santissima prevenida por Deus, sobre os acontecimentos que iam realisar-se, tinha já disposto tudo, de modo que quando S. José deu-lhe parte de que seriam obrigados a irem a Bethlem afim de matricular-se e de fazer as declarações exigidas no edicto, a encontrou preparada para a longa viagem que deveriam fazer.

Era no tempo de rigoroso inverno quando os dous esposos com a mais humilde equipagem se puzeram em caminho para Bethlem.

Na estrada as grandes arvores que offereciam outr'ora grata sombra aos viandantes, estavam seccas e despidas dos seus naturaes atavios. Nem uma rustica florinha aformoseava a aridez dos campos os quaes sem o agradavel e variegado matiz das searas dos hortedos, das pastagens e dos jardins, assemelhavam-se a um vasto cemiterio envolto sobre amplo sudario de neve.

Os dous viajantes atravessando os campos desolados, olhavam tristemente a extensão enorme que ainda tinham de percorrer, a qual parecia arida e despovoada por effeito d'algum tremendo cataclysmo, pois que nem ao menos se ouvia os melodiosos trilos das namoradas avesinhas. As

torrentes despenhando-se com estrepito e o vento silvando pelos galhos despidos das arvores nas eminencias, annunciavam um dos mais rigorosos invernos d'aquellas paragens. Até o formoso astro do dia negava os vividos raios da sua benefica luz. Sobre a terra definhada como por vento adusto a neve resfriando tudo cahia em longos frocos, regelando os membros quasi entorpecidos dos dous peregrinos. No fim de cinco dias de viagem, apoz as maiores fadigas e inclemencias avistaram as collinas sorridentes de Bethlem, a cidade considerada sagrada por ter sido a patria dos avós de David.

Os nossos viandantes ao aprasivel aspecto da graciosa cidadesima, que era o termo da sua viagem sentiram encher-se-lhes o coração de alegria e esperanza.

Penetrando no interior da cidade notaram a concorrencia immensa, que atulhava as ruas e por mais que buscassem não encontraram um só lugar desoccupado. S. José afflicto pelo melindroso estado da sua esposa, batia a todas as portas, supplicando um agasalho por caridade, ou mesmo por paga, mas todos lhe respondiam, que não havia mais lugar. O virtuoso patriarcha no auge da sua angustia, ainda assim, se lhe vinha e idéa de que eram desprezados pela pobreza da sua equipagem, rejeitava tal pensamento como indigno de si e dizia simplesmente á sua esposa.

— Elles não tem mais lugares; realmente ha tanta gente para alojar-se.

Maria Santissima com quanto tivesse plena certeza de que não encontrariam agasalho na cidade, apesar do grande vexame que soffria pelo seu estado, vendo-se repellida em todas as portas; com o exemplo da mais rara humildade acompanhava seu esposo, tendo no semblante a imperturbavel serenidade, de que a sua alma achava-se sempre revestida.

Principiava a escurecer quando S. José finalmente desenganado de não alcançar, nem um humilde cubiculo em que descansasse com sua adorada consorte, retirou-se para

fora do povoado n'uma gruta cavada na rocha para o lado oriental de Bethlem.

Perto do portal estava uma mangedoura onde os pastores recolhiam os seus rebanhos quando eram assaltados pelas tempestades no campo, abrigando-se alli da chuva. Os santos peregrinos ao chegarem agradeceram a Deus, o terem encontrado vasio aquelle abrigo.

Depois de o terem varrido, accenderam um bom fogo accomodando-se o melhor que lhês foi possivel.

E' foi ahi nessa gruta solitaria e abandonada de todo o soccorro humano, que Maria Santissima, quando as estrellas indicavam a hora da meia noite, deu a luz ao desejado das nações por entre coros de anjos e harmonias celestes.

*S. Paulo.*

ANALIA FRANCO.

---

## NOTAS UTEIS

Porque é que a Suissa, de mais a mais sem portos de mar, sem muitos elementos necessarios á industria moderna, vence a propria Inglaterra na lucta economica? — Pergunta Levelaye, e elle mesmo responde a si: « *E' pela habilidade dos seus operarios, pela intelligencia dos seus industriaes e pela superioridade dos seus conhecimentos.* »

\* \* \*

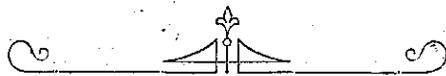
Em Zurich só o municipio despende com a instrucção publica um milhão de francos, e o mesmo cantão meio milhão (total 270:000\$000)

\* \* \*

No cantão de Genebra a quarta parte da despeza geral é com o ensino publico; merecendo consideração especial este ponto: em parte dos cantões organisam-se (por lei) *Capitales especiaes* para a dotação das escolas e quanto diga respeito á educação local.

---

**Todas as reclamações relativas a esta "Revista" devem ser dirigidas ao Largo do Arouche n. 58.**



Esta Revista que se publica uma vez em cada  
mez, será distribuida gratuitamente a todas as es-  
colas publicas do sexo feminino deste Estado.

